

# Compreendendo a questão da saúde dos professores da Rede Pública Municipal de São Paulo

Sandra Dias Simplicio  
Márcia Siqueira de Andrade

Centro Universitário FIEO  
Osasco, SP, Brasil

## RESUMO

Buscou-se compreender, neste estudo, a questão da saúde do professor, relacionando-a a vida profissional. Para tal foram entrevistados 34 professores da rede municipal de São Paulo. A análise foi organizada em quatro momentos: estágio, início da carreira, a experiência e final da carreira. Foram identificadas três categorias que emergiram enquanto sintomas prejudiciais à saúde: exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização profissional. Os resultados indicam que a profissão docente exige conhecimentos que vão além daqueles adquiridos durante a formação. Indicam, ainda, que o processo saúde-doença é também construído no trabalho, espaço de construção da história individual e da identidade social. Sugere-se a discussão de políticas públicas que considerem a saúde do professor como aspecto fundamental para a qualidade da educação.

**Palavras-chave:** trabalho; saúde mental; professores.

## ABSTRACT

*Understanding the issue of teachers' health the Public Hall of São Paulo*

This study seeks to understand the question of the health of teachers. For this, 34 teachers were interviewed from the municipality of São Paulo. The analysis was organized along four aspects of teachers' professional life: student teaching, beginning of the career, the middle years, and the end of the career. Three detrimental symptoms categories emerged: emotional exhaustion, depersonalization, and diminution in professional accomplishment. The results indicate that the teaching profession demands knowledge beyond that which is acquired during training. The results also indicate that the health-disease process is constructed on the job, making this a realm to construct an individual's history and social identity. Moreover, the findings suggest that public policy should consider the health of the teacher as fundamental to educational quality.

**Keywords:** work; mental health; teachers.

## RESUMEN

*Comprendiendo la cuestión de la salud de los profesores de la Red Pública Municipal de San Pablo*

Se buscó comprender, en este estudio, la cuestión de la salud del profesor relacionándola la vida profesional. Para tal fueron entrevistados 34 profesores de la Red Municipal de São Paulo. El análisis fue organizada en cuatro momentos: pasantía, inicio de la carrera, la experiencia y final de carrera. Fueron identificadas tres categorías que emergieron como síntomas perjudiciales a la salud: exaustão emocional, despersonalización y disminución de la realización profesional. Los resultados indican que la profesión docente exige conocimientos que van además de aquéllos adquiridos durante la formación. Indican, aún, que el proceso salude-enfermedad es también construido en el trabajo, espacio de construcción de la historia individual e identidad social. Se sugiere la discusión de políticas públicas que consideren la salud del profesor como aspecto fundamental para la calidad de la educación.

**Palabras clave:** trabajo; salude mental; profesores.

Esta pesquisa procurou compreender a relação entre saúde e trabalho em professores da rede municipal de São Paulo. Professores tem sido alvo de diversas investigações (Costa, 2005; Gasparini, Barreto e Assunção, 2005; Gasparini, Barreto e Assunção, 2006;

Carlotto e Palazzo, 2006; Araújo, Sena, Viana e Araújo, 2005; Gomes e Brito, 2006; Reis, Araújo, Carvalho, Barbalho e Silva, 2006; Gomes e cols., 2007) pois no exercício profissional da atividade docente encontram-se presentes diversos estressores psicossociais, alguns

relacionados à natureza de suas funções, outros relacionados ao contexto institucional e social onde estas são exercidas (Mancebo, 2007). Ao mesmo tempo, investigações atuais revelam que os professores podem ser afetados, durante o desenvolvimento de suas ações docentes, por elevado estresse, ocasionando o que a literatura reconhece como Síndrome de *Burnout*.

Quer seja entendido como um dos sintomas do chamado “mal-estar docente”, conforme expressão cunhada por Esteve (1999), quer como manifestação das várias formas de esgotamento que afetam os professores, comumente denominadas de *Burnout*, os estudiosos são concordes em reconhecer que esse fenômeno é desencadeado por uma multiplicidade de fatores e alimentado tanto pela escola como pela comunidade e a sociedade em geral.

O processo do *Burnout* é individual (Rudow, 1999). Sua evolução pode levar anos e até mesmo décadas (Rudow, 1999). Seu surgimento é paulatino, cumulativo, com incremento progressivo em severidade

não sendo percebido pelo indivíduo, que geralmente se recusa a acreditar estar acontecendo algo de errado com ele (Rudow, 1999).

## MÉTODOS

### Participantes

O universo foi formado por professores das escolas da Rede Pública do Município de São Paulo. Deste universo selecionou-se, aleatoriamente, 34 professores de uma mesma escola do Ensino Fundamental I, II e do Ensino Infantil, de diferentes idades e tempo de exercício no magistério variável que se dispuseram a participar da pesquisa.

Os participantes desta pesquisa foram caracterizados considerando-se algumas variáveis que pareceram relevantes tendo em vista os objetivos do presente estudo: sexo, idade, tempo de profissão, nível de ensino que atua, cargo atual. Apresentamos em seguida quadro informativo geral dos entrevistados.

TABELA 1  
Caracterização dos  
sujeitos da pesquisa

Nome*	Idade	Nível de ensino em que atua	Tempo de profissão	Situação atual
Sonia	52	Ensino Fundamental II	Vinte anos	Professora
Nair	35	Ensino Fundamental II	Doze	Professora
Catarina	27	Ensino fundamental I	Cinco anos	Professora
Marisa	25	Ensino Fundamental II	Três anos	Professora
Cássia	39	Ensino Fundamental I	Três anos	Professora
Neide	36	Ensino Fundamental I	Doze anos	Professora
Neli	40	Educação Infantil	Sete anos	Professor
Joana	34	Ensino Fundamental I	Dezesseis anos	Professora
Benedita	55	Ensino Fundamental I	Vinte e seis anos	Professora
Matilda	32	Ensino Fundamental I	Dez anos	Professora
Edna	41	Ensino Fundamental I	Dezoito anos	Professora
Margot	36	Ensino Fundamental I	Vinte anos	Professora
Darlene	29	Ensino Fundamental I	Sete anos	Professora
Nelma	51	Ensino Fundamental I	Dezesseite	Professora
Cordélia	48	Educação Infantil	Dezenove anos	Professora
Katielem	42	Educação Infantil	Dez anos	Professora
Gladis	36	Educação Infantil	Doze anos	Professora
Cleide	44	Ensino fundamental	Dezesseis anos	Professora
Gabriela	22	Ensino Fundamental I	Dois anos	Professora
Patrícia	26	Educação Infantil	Dois anos	Professora
Adriana	50	Ensino Fundamental II	Dezoito anos	Professora
Cíntia	51	Ensino fundamental	Vinte anos	Professora
Walter	52	Ensino Fundamental II	Trinta anos	Professor
Silvia	42	Ensino fundamental I	Dez anos	Professora
Rosana	22	Ensino Fundamental I	Quinze anos	Professora
Arminda	35	Ensino Fundamental I	Quinze anos	Professora
Benvinda	48	Ensino Fundamental I	Quinze anos	Professora
Lenita	37	Ensino Fundamental I	Vinte anos	Professora
Maria	60	Ensino Fundamental I	Trinta anos	Professora
Alberto	31	Ensino Fundamental II	Doze anos	Professor
Luiz	47	Ensino Fundamental II	Vinte anos	Professor
Vera	47	Ensino Fundamental I	Vinte anos	Professora
Eunice	28	Ensino Fundamental I	Três anos	Professora
Sofia	24	Ensino Fundamental I	Cinco anos	Professora

\* Os nomes dos participantes são fictícios.

O grupo de professores participantes da pesquisa é predominantemente jovem e do sexo feminino. O tempo de magistério variou de dois a trinta anos.

Apenas 3 (três) professores são homens em 34 participantes, o que reflete a realidade nacional uma vez que, a maioria dos docentes brasileiros do ensino fundamental pertencem ao sexo feminino (Andrade, 2004). A predominância do sexo feminino entre os profissionais da educação está relacionada à inserção da mulher no mercado de trabalho - este campo profissional foi um dos primeiros a incorporar, em uma escala mais ampla, a participação feminina. Na expansão do setor educacional no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, as mulheres foram chamadas para ocupar os cargos de educadores, considerando que a docência, na época, era vista como atividade própria de mulheres, por envolver "cuidado aos outros" (Delcor e cols. 2004).

### Material

Foram utilizadas 2 técnicas para a coleta de dados: questionário e entrevistas semi-estruturadas. Foram coletadas informações sobre idade, formação, tempo de atuação e estado civil dos professores além da sua história profissional.

### Procedimentos

Os 34 (trinta e quatro) professores foram solicitados a escrever um relato a partir da seguinte orientação: eu gostaria que você me relatasse como é a sua profissão de professora. Os relatos foram solicitados individualmente e assim sendo, cada um pôde discorrer livremente sobre o solicitado. Foram recebidos no período de setembro de 2006 a fevereiro de 2007 trinta e quatro relatos. Dentre todos escolhemos para análise em profundidade aqueles que mais contribuições trouxeram para alcançarmos os objetivos desta pesquisa.

### Análise dos dados

A análise dos dados coletados foi realizada por meio da análise de conteúdo. Após a coleta dos dados foi feita uma leitura ampla do material obtido. Em seguida, realizou-se a análise de conteúdo a qual envolveu: a) a identificação dos temas e sua posterior divisão em unidades de respostas; b) o recorte dos textos de acordo com os conteúdos apresentados; e c) o agrupamento e a categorização das unidades de respostas, que representam o conjunto de ideias comuns ao grupo pesquisado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao recuperar as falas dos participantes desta pesquisa para análise, tentou-se reconstruir a história profissional do professor do início ao final de sua

carreira por caracterizarem diferentes conflitos vivenciados pelos participantes da pesquisa. A análise destes relatos, recortando a trajetória dos participantes da pesquisa, foi organizada em quatro momentos da vida profissional: o estágio, o início da carreira, a experiência e o final da carreira. Em cada uma dessas etapas foram identificadas três categorias que emergiram enquanto sintomas prejudiciais à saúde. Foram elas: a) exaustão emocional, caracterizada por falta ou carência de energia, entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos; b) despersonalização, que se caracteriza por tratar os alunos, colegas e a escola como objetos; c) diminuição da realização pessoal no trabalho, tendência do professor a se autoavaliar de forma negativa. As professoras sentem-se infelizes consigo próprias e insatisfeitas com seu desenvolvimento profissional.

### O estágio

O Parecer número 21, de 2001, do Conselho Nacional de Educação, define o Estágio Curricular como:

tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário.

O Estágio Curricular é vivenciado com alguma apreensão e expectativa pelos seus principais intervenientes, os estagiários. Gabriela realizou Estágio Curricular cerca de dois anos antes de tornar-se efetiva mediante o concurso público. Seu relato por si só conta como é ser estagiário na escola pública e, mesmo após alguns anos, relatou o que sentiu como estagiária.

Ao iniciar o estágio eu pensei que iria poder participar das aulas. O que eu vivo é muito chato e tem sala que dá vontade de dar no pé. Sinto-me como os alunos. Quando bate o sinal quero sair correndo. Ficávamos sentadas no fundo da sala, eu e minha parceira de estágio como estátuas. Tem professora que nem olha que a gente está lá só porque somos jovens. Tem algumas que querem a gente apenas para corrigir e passar lição em caderno porque estamos sem sala de aula. O que acho ruim é que o resto é muito ruim e a gente quer desistir só de ver os problemas que acontecem na real (Gabriela).

As cenas descritas por Gabriela parecem comuns a outros iniciantes do magistério e remetem ao sentimento de desvalorização, diminuição da realização pessoal no trabalho.

Compreender o Estágio Curricular como um tempo destinado ao processo de ensino e de aprendizagem é reconhecer que, apesar da formação oferecida em sala de aula ser fundamental, só ela não é suficiente para preparar os alunos para o pleno exercício de sua profissão. Faz-se necessária à inserção na realidade do cotidiano escolar. O que deveria ser proporcionado pelo estágio. Esta interpretação feita do Estágio Curricular nem sempre tem contribuído para a efetiva formação de futuros professores. Por um lado, o estágio concentrado no último ano do curso acaba por se caracterizar pela preocupação excessiva com os aspectos burocráticos, como: o cumprimento de carga horária, o preenchimento de fichas, entre outros. Por outro lado, acentua o conceito equivocado de estágio enquanto pólo prático de um curso, num relativo distanciamento da teoria estudada, ao longo do curso, pelas demais disciplinas.

### O início

Inicia-se o ciclo de sofrimento docente, paralelo à aprendizagem do ofício de ser professor na escola pública. Muitas professoras estagiárias iniciam suas carreiras logo após o término do curso como professoras eventuais nas escolas públicas. O professor eventual da rede pública leciona apenas na falta do professor titular da classe, situação que parece favorecer a insegurança, instabilidade financeira, distanciamento do projeto pedagógico da escola, aulas em séries diversificadas e em diversas situações emergenciais além do descaso por parte de outros professores. O relato da professora Rosana, professora adjunto eventual há dois anos remete a tal situação:

E hoje infelizmente os problemas parecem que só aumentam, principalmente quando me refiro aos ditos “colegas de profissão”. Sinto-me muitas vezes humilhada, humilhação essa que vem por parte da maioria dos professores, coordenação e direção; às vezes até parece – me que nós eventuais não fazemos parte da escola, que estamos de favor, e se abrimos a boca, a situação fica pior, temos algumas vezes que participar de certas reuniões, escutar tudo que for dito e simplesmente ficarmos caladas (Rosana).

Mais uma vez surge a insatisfação, o sentimento de desvalorização. Este profissional vivencia uma carreira inicial sem as condições necessárias que

poderiam estar lhe auxiliando no enfrentamento das adversidades. Realizou um estágio de curta duração, reconhece suas limitações como profissional. Não tem acesso a uma formação continuada, pois não possui rendimentos suficiente para alcançá-la e sofre a angústia das relações hostis que embora sejam veladas, lhe impingem a condição atual.

O relato de Darlene, professora adjunta eventual há três anos, parece confirmar as dificuldades:

Em minha trajetória docente já escutei de tudo, por exemplo: essas professoras eventuais são mortas de fome. Eu hein [*sic*], faltar para dar dinheiro a elas! E tem aquelas que fingem ser suas colegas e desvalorizam o seu trabalho, outras passam por você e viram o rosto com se tivesse nojo de você (Darlene).

O relato de Darlene mostra uma situação de aprisionamento, de inibição pois não consegue sair do posicionamento de professora iniciante. Como estratégia, se exclui da relação com as demais professoras: “Hoje vivendo na prática docente, me sinto frustrada não em relação aos alunos, mas na relação professor-professor, essa relação de desamor que faz com muitas vezes eu sinta vontade de desistir, porém acredito na essência humana...” (Darlene).

As manifestações depressivas aparecem nesse movimento que leva o professor a sentir que sua prática está longe dos ideais pedagógicos aprendidos durante o curso. O relato de Eunice, é um exemplo dessa dinâmica:

Iniciei minha carreira há pouco mais de dois anos ao ingressar como professora no último concurso e sei que tenho muito que aprender. Fico olhando o que as colegas fazem para aprender um pouco com elas que possuem paciência! Fico envergonhada com algumas coisas erradas que eu faço porque eu não tenho experiência. Tem tanta coisa para fazer que eu não sei fazer direito: diários de classe, tarjetas, relatórios então, nem se fala. Até parece que eu não aprendi nada na faculdade, mas sou esforçada. Às vezes parece que eu vou esquecer rapidamente porque é muita informação para mim. Sempre digo que estou aberta para receber informações de quem quiser me ajudar. Quero melhorar com professora porque sei que ainda não sou o que eu deveria ser (Eunice).

Codo (1999) aponta que a maior concentração de profissionais descomprometidos e insatisfeitos encontra-se nos primeiros anos de trabalho. Este fator marca

a fase do professor iniciante que sente que seu ideal de profissão está fortemente ameaçado. Sua profissão, antes idealizada, cede lugar para outra realidade: sem sonhos, sem expectativas e sem os ideais anteriores. É o que encontramos nos depoimentos a seguir: “Eu não queria mais ouvir falar de planejamento de escola e fichas de avaliação, mas fazer o que não posso evitar!” (Catarina). “Gosto muito de minha profissão, mas ela não me proporciona tudo o que eu sonhei. No início eu tinha uma grande convicção de que seria feliz sendo professora, mas hoje eu não sei mais.” (Neide).

Os relatos apresentados são diferentes entre si mas, reproduzem a desilusão com a profissão. Histórias e escolas diferentes se encontram no movimento que envolve o professor. As obrigações que não correspondem aos anseios da professora Catarina e os sonhos de profissão não realizados para a professora Neide reproduzem este movimento de desilusão. É um movimento que provoca no professor o sentimento de que o idealizado não foi alcançado. E que pode levar à exaustão emocional.

Sobre tal situação ressalta Esteve (1999, p.44) “no entanto, conforme se avança na prática docente e o professor tem de enfrentar as dificuldades reais do magistério, essa imagem ideal que o mesmo professor tem de sua profissão vai entrar em crise”.

### **A experiência**

A formação inicial cede lugar à outra, a da experiência adquirida no espaço escolar e novas ideias acumulam-se à experiência do professor. Passado o período da formação inicial o professor revê seus conceitos frente à dura realidade escolar.

Dejours e Abdoucheli (1994) defendem que a saúde e o sofrimento mental estariam relacionados à organização do trabalho. A intervenção sobre a organização do trabalho e uma boa adaptação às necessidades em compasso com a subjetividade, poderia proporcionar a obtenção de prazer e satisfação, ao passo que uma organização do trabalho ineficiente evidencia o sofrimento mental e as doenças psicossomáticas. Este autor coloca que: “O nível de qualificação, de formação não é, via de regra, suficiente em relação às aspirações. O sofrimento começa quando a evolução desta relação é bloqueada.” (Dejours, 1994, p.49).

Após a consolidação deste início o professor passa para a turma dos experientes. Constrói para si teias junto ao passado, encerrados em seus lamentos e crenças que aprenderam com outros professores. “Depois que eu voltei a estudar me conscientizei de várias coisas que a gente precisa mudar, mas que é impossível por causa do governo. Tinha que haver uma mudança alguém olhar pela gente” afirma Joana, 12 anos de carreira. “Eu

queria obter ajuda e não descaso para com a profissão. Estou no começo de ano e já recebi um balde de água fria na minha criatividade.” Diz professora Margot, 20 anos de carreira.

Não poder demonstrar vontade própria, ser passivo diante dos fatos, agir como os outros, sem criatividade, agir feito uma coisa e achar que os outros são também coisas. “Querem que os professores sejam coisas obedientes. Eu não via os fatos dessa maneira, mas agora eu vejo.” afirma professora Cordélia, 19 anos de carreira.

Atribuindo ao professor estereótipos que comprometem a sua imagem, sua ação e profissão ele adocece. Isto quer dizer, também, que a partir do momento que o trabalho exerce pressão psíquica sobre o sujeito, acaba por gerar sofrimento.

O sofrimento aborta a relação de troca entre o sujeito e o trabalho. Nesta etapa a ameaça, aparece de forma generalizada num processo intenso de despersonalização. “Gosto de trocar ideias com os meus alunos, mas acho que às vezes não tenho nada para criar de diferente e me sinto oca, sem criatividade e então eu recorro para o livro didático,” confessa Cíntia, 20 anos de carreira.

Sentir-se oco por dentro, sentir-se pressionado pelos pais, sentir medo dos pais e dos colegas de trabalho, medo da violência que pode lhe causar dor. Tudo isso parece fazer parte do sofrimento do professor que trabalha na escola pública foco da pesquisa e que se transforma em sintoma.

Esta sintomatologia dá margens para que se compreenda que esta profissão produz no sujeito um desgaste que ocorre no interior dinâmico e global do processo do trabalho, provenientes dos diversos processos adaptativos empreendidos por este. Este demonstra uma perda de capacidade laborativa, mas continua trabalhando. Infelizmente, sem o cuidado adequado, desenvolve a despersonalização e a exaustão emocional que nem sempre podem ser facilmente detectados.

### **O final**

Esta etapa remete à singularidade de cada percurso, cada caminhada. São falas de pessoas que não se conhecem e que possuem apenas uma coisa em comum: são professores readaptados. Readaptação é a investidura do funcionário público, por problemas de saúde, em cargo mais compatível com sua capacidade física ou mental, passando a desempenhar atividades que não acarretem prejuízo à sua saúde. A readaptação pode ser temporária, até 2 (dois) anos, quando for constatada incapacidade parcial e temporária para o exercício do cargo/função ou definitiva, quando for

constatada incapacidade permanente para o exercício do cargo/função. O acesso a essas professoras deu-se através de contato com outros colegas que trabalhavam com professores readaptados. O primeiro depoimento é de Benvinda, uma professora readaptada por câncer de mama. O segundo relato é de Silvia, uma professora readaptada por problemas com a voz. O terceiro é de Lenita, professora readaptada por transtornos mentais.

### ***Benvinda***

Benvinda conta a sua história:

Iniciei na Prefeitura no dia 19 de fevereiro de 1991. Mas antes disso, tem uma história. Eu não tinha dinheiro para fazer a inscrição no concurso. Precisei pegar emprestado. Eu trabalhava em uma creche e, na época, eu ganhava muito pouco. Fiz o concurso e passei na 1ª fase. Quando eu fui fazer a 2ª fase, prova de redação, estava tão nervosa que isso refletiu na minha letra. Eu achei horrível o modo que escrevi. Foi uma surpresa eu ter passado. Depois do concurso, fiquei ansiosa aguardando a chamada. Finalmente, levei títulos, etc, e fui fazer o “bendito” exame médico. No último exame, o de garganta, eu era a primeira a ser chamada. Ele não conseguiu fazer o exame da minha garganta porque eu tenho pavor daquele palitinho e então me encaminhou para uma endoscopia. Pode? Pode sim, tanto que eu não iniciei no cargo no tempo certo. Nem pude escolher a minha classe. A escolha foi feita pela diretora. Foram quatro anos na sala de aula. Assumi uma terceira série com alunos entre nove e vinte e cinco anos de idade. Esse ano foi, realmente, muito difícil. Eu tinha alunos de todos os tipos: do quieto ao malandro, mas malandro de verdade. Mas esse foi o melhor ano que eu tive na escola. Foi o mais gratificante, pois pude trabalhar com diversas personalidades e tive o grande desafio de conhecer um pouco melhor eu mesma, meus limites e as minhas dificuldades. O ano de 1994 foi difícil, pois eu perdi meu sogro e descobri que tinha câncer de mama. O resultado foi confirmado numa quinta-feira e na segunda-feira eu estava na mesa de cirurgia. Sofri uma mastectomia total do seio esquerdo. Após a readaptação fui trabalhar na secretaria. E sabe o que o readaptado faz? Atrapalha o serviço, segundo as pessoas da secretaria! E essa opinião me deixava muito, mas muito brava! Fiquei seis meses readaptada temporariamente. Fui chamada no Departamento Médico para fazer uma entrevista. Achei que ia voltar para a sala de aula mas, fui informada da minha readaptação definitiva. Imaginar que eu iria passar o resto de

minha vida trabalhando na secretaria foi um susto. O melhor lugar para se estar é dentro da sala de aula, apesar de tudo ser importante, é lá que as coisas acontecem de verdade, onde os resultados são sentidos (os bons e os maus), onde vale a pena estar (Benvinda).

Para Benvinda há o estado de bloqueio da relação entre a qualificação e as aspirações, o que promove prejuízo à imagem de si mesmo. A partir do momento que o trabalho deixa de ter significação, deixa de suportar os investimentos simbólicos e materiais destinados a ele. Dessa forma o trabalho deixa de proporcionar prazer e satisfação.

### ***Silvia***

Silvia é professora em situação de readaptação definitiva por voz, após 15 anos de carreira, 42 anos, casada, trabalha em Escola Municipal de Educação Infantil. Estudos sobre a questão da saúde vocal de têm identificado maior presença de disфония entre professores quando comparados a outros profissionais, fato também observado ao se estudar as categorias profissionais atendidas em serviços de reabilitação vocal. O problema de voz se soma a outros problemas vivenciados pelos professores, dificultando ainda mais o gerenciamento de seu trabalho, saúde e vida (Simões e Latorre, 2006).

A saúde vocal é considerada um aspecto importante da saúde geral e qualidade de vida do professor, pois a voz é o seu principal instrumento de trabalho e importante recurso na relação professor/alunos, com implicações relevantes no processo ensino-aprendizagem. As alterações de voz (tais como rouquidão ou disфония, afonia, dor ao falar, cansaço ao falar, falhas na voz, falta de projeção vocal e dificuldade para falar em forte intensidade) são responsáveis por um número significativo de queixas, licenças médicas, afastamentos e readaptações funcionais, representando prejuízos para o trabalhador professor, para a comunidade escolar e toda a sociedade (Penteado, 2007, Alves e cols., 2009).

Silvia conta que:

Eu estou muito melhor agora, mas queria estar na escola, do outro lado. É duro para mim. Minha vida mudou da água para o vinho, não imaginava que ia dar nisso. O motivo de minha readaptação foi a voz e eu tive que assumir outra função na escola. Só sabia dar aulas e trabalhar em secretaria foi o fim para mim. Vejo as colegas cantando no pátio e penso: “Bobocas parem com isso! Ponham um CD”, mas a coordenadora pega no pé delas para

cantarem até estourarem a garganta. Eu só assisto. Vou me intrometer? Nem sou funcionária desta escola. Estou temporária aqui. Não é que eu deseje isso para os outros, mas ninguém merece ficar com esse problema. Lecionei por onze anos, no entanto fiquei incapacitada na escola. Não bebo, nunca fumei em minha vida, sempre fui controlada com o uso de bebidas e sorvetes. Todo mundo pensa que quem tem problema de voz é porque gritava muito mas, no meu caso, não foi. Eu não fui ensinada a usar a voz corretamente e não havia cursos para isso na faculdade de pedagogia. Há muitos professores e chefes despreparados e quem não está em sala de aula não sabe o que é isso. Há todo um ritual com a voz, mas agora para mim é tarde. Tenho uma mágoa comigo mesma, mas vou prosseguir (Silvia).

Silvia não fala de sua profissão de professora mas afirma que só sabia dar aulas. Ela se queixa de sua situação e durante todo o seu relato somente fala disto.

Diz que não pode falar nada para as colegas que cantam e, ao mesmo tempo, a ambivalência lhe devolve: "Vou me intrometer? Sou temporária aqui." Ela entende sua condição como castigo e embora não tenha gritado ou feito uso de bebidas geladas e não ser fumante, foi castigada.

Silvia, como muitos professores, demonstra dificuldades em perceber o seu processo saúde-doença e refletir sobre os sinais e sintomas vocais que apresentam. Isso pode ser indicativo de um quadro de dessensibilização ao próprio sofrimento e de deformação nas maneiras de perceber, de sentir, de interpretar, de significar e de enfrentar as experiências cotidianas – provavelmente, favorecido pela forma como o trabalho docente está organizado (Penteado, 2007).

Mais adiante, Silvia continua seu relato contando que não foi ensinada a respeito do uso correto da voz e que não havia curso para isso na faculdade de pedagogia. Sem a voz, seu corpo é ineficiente e Silvia não pode manifestar a necessidade de seu corpo.

O trabalho docente, muitas vezes, é revestido de representações que o caracterizam como sacerdócio ou missão, implicando doação, dedicação, disponibilidade, humildade, submissão, abnegação e sacrifício. Assim, frente à carga de compromissos e de responsabilidades que lhe são impostas no cotidiano, o professor, muitas vezes, prioriza o desempenho do seu trabalho, em detrimento de diversas experiências no campo da vida privada e da atenção, dedicação e cuidados com a própria saúde. Em outras palavras, muitas vezes não lhe restam tempo, energia ou oportunidades para refletir sobre seus desejos, expectativas, anseios, sonhos e

projetos pessoais, nem para pensar as condições sob as quais se dá o seu trabalho, sua qualidade de vida, suas condições de saúde e os aspectos determinantes e intervenientes do seu processo saúde-doença.

Então, a aparente perda de sensibilidade ao próprio sofrimento e a dificuldade de reconhecer e de identificar indicativos/sinais/sintomas de problemas vocais mais sutis poderia, aqui, ser apenas um dos componentes de um quadro mais abrangente e complexo que envolve as relações entre trabalho e saúde.

### **Lenita**

Lenita é professora, tem 37 anos de idade, casada, readaptada por problemas mentais. Lenita relata:

Estou fora de sala de aula há uns quatro anos e não vou voltar mais mas já tive outros cargos na escola. Minha readaptação foi rápida é muito ruim porque na escola ninguém queria ver a minha cara lá. Parecia que eu era um bicho. Acho que eu era levada a fazer essas coisas agressivas, mas agora com tanto remédio eu nem tenho força para dizer mais nada sobre o que me incomoda (Lenita).

Suas lembranças boas sumiram e cederam lugar às lembranças ruins.

As coisas não sumiram da minha cabeça e não esqueci que há muitos problemas nela e muita gente vai acabar como eu. Sabia que quando eu vou buscar o meu holerite as pessoas se escondem de mim? De medo. No começo, eu achava muito bom mas, agora eu acho horrível viver com isso. Vejo as ex-colegas na escola e elas abaixam a cabeças para não responder um oi. São ex mesmo.

A readaptação gera desrespeito, desvalorização profissional, sofrimento, restrição de atividades, mudança de função ou de local de trabalho, dentre outros obstáculos para o desenvolvimento da identidade profissional docente. O lugar da readaptada representa uma depreciação, traz o sentimento de desvalorização e exclusão. Lenita apresenta um relato repleto de angústia e de uma evidente depressão.

Tenho muita dó da minha família que me ajuda a continuar viva. Porque os remédios só me fazem ficar parada, sem ação. Para escrever isso eu fiquei dias. Durmo e acordo e parece que os dias não passam. Ficam uns buracos de desordem. Deve ser desordem. Vou à psiquiatra e nada melhora para mim e esses remédios acabam com o meu salário.

Os buracos de desordem são na verdade as perdas que ela simboliza aqui neste relato. Reflexo também da medicação de uso contínuo. E diz que outros vão terminar como ela:

Não desejo nem para o meu pior inimigo ser professor. Vejo pessoas que eu nem via mais e elas estão melhores do que eu, na aparência. Eu estou acabada e infeliz. Isso tem que melhorar a maneira da escola ser vista e trabalhada por pessoas que fazem as leis que nem sabem o que acontece com as professoras. Eu queria que eles se enchessem desses remédios que eu tomo para ver o que é bom.

E com essas palavras amargas, Lenita finaliza seu depoimento, demonstrando ter chegado ao limite do sentimento de esgotamento de recursos, da exaustão emocional, inserindo-se num quadro de sofrimento psíquico que aparece com mais frequência entre professores de que entre outros profissionais.

De fato, pesquisas indicam que a frequência de distúrbios psíquicos encontrada entre docentes é duas vezes maior que na população geral, sem diferença significativa entre homens e mulheres (Delcor et al., 2004). Outros estudos sobre a saúde dos professores, nos diversos níveis de ensino, também evidenciaram prevalências elevadas de distúrbios psíquicos em docentes (Carlotto, 2002).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa procurou-se compreender a questão da saúde do professor, buscando relacioná-la à sua vida profissional. Para tal foram entrevistados 34 professores da rede municipal de São Paulo. A análise dos dados coletados foi organizada em quatro momentos da vida profissional: o estágio, o início da carreira, a experiência e o final da carreira.

Em cada uma dessas etapas foram identificadas três categorias que emergiram enquanto sintomas prejudiciais à saúde: exaustão emocional, despersonalização, diminuição da realização pessoal no trabalho.

Verificou-se que o processo de trabalho e de gestão em educação transformou-se profundamente nas últimas décadas, com claras repercussões nas condições de trabalho, na imagem social do professor e no valor que a sociedade atribui à própria educação. Estes aspectos parecem ter repercussões importantes sobre a saúde física e mental dos educadores. Entretanto, o que ocorre com professores não pode ser desvinculado dos vários aspectos sociais ligados ao trabalho em geral e

que têm contribuído para elevar a carga de morbidade em trabalhadores.

Os resultados encontrados indicam que a profissão docente exige conhecimentos que vão além daqueles adquiridos durante a formação. Indicam, também, que o processo saúde-doença é construído no trabalho, espaço de construção da história individual e de identidade social.

Em suma, o presente trabalho contribuiu para destacar a necessidade de atenção às condições de trabalho e saúde dos professores. Além disso, sugere-se a discussão de políticas públicas que considerem a saúde do professor como aspecto fundamental para a qualidade da educação.

Finalizando, é importante ressaltar que, ainda que o estudo tenha obtido dados importantes sobre o problema, deve-se considerar as limitações do mesmo principalmente em relação à validade externa, uma vez que os professores estudados pertencem a escolas da rede municipal de São Paulo, exercendo suas atividades em um contexto diferente daquele em que se inserem as escolas públicas de regiões remotas do país.

## REFERÊNCIAS

- Alves, L.A., Robazzi, M.C.C., Marziale, M.H.P., Felipe, A.C.N. & Romano, C.C. (2009). Health disorders and teachers' voices: a workers' health issue. *Revista Latino-Americana d. Enfermagem*, 17(4), 566-572.
- Andrade, E.R. (2004). *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. São Paulo: Editora Moderna, 2004.
- Araújo, T.M., Sena, I.P., Viana, M.A. & Araújo, E.M. (2005). Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. *Revista baiana de saúde pública*, 29(1), 6-21.
- Carlotto, M.S. & Palazzo, L.S. (2006). Síndrome de *Burnout* e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(5), 1017-1026.
- Codo, W. (1999). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Costa, S.S.G. (2005). De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). *Educação e Sociedade*, 26(93), 1257-1272.
- Delcor, N.S., Araújo, T.M., Reis, E.J.F.B., Porto, L.A., Carvalho, F.M., Silva, M.O., Barbalho, L. & Andrade, J.M. (2004). Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(1), 187-203.
- Dejours, C. & Abdoucheli, E. (1994). Itinerário teórico em Psicopatologia do Trabalho. In C. Dejours, E. Abdoucheli & C. Jayet. *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (pp. 119-145). São Paulo: Atlas.
- São Esteve, J.M. (1999). *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC.
- Gasparini, S.M., Barreto, S.M. & Assunção, A.A. (2005). O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, 31(2), 189-199.



- Gasparini, S.M., Barreto, S.M. & Assunção, A.A. (2006). Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 22(12), 2679-2691.
- Gomes, L. & Brito, J. (2006). Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. *Estudos e pesquisa em psicologia*, 6(1), 49-62.
- Gomes, A.R., Silva, M.J., Morisco, S., Silva, S., Mota, A. & Montenegro, N. (2006). Problemas e desafios no exercício da actividade docente: um estudo sobre o stresse, burnout, saúde física e satisfação profissional em professores do 3º ciclo e ensino secundário. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(1), 67-93.
- Mancebo, D. (2007). Agenda de pesquisa e opções teórico-metodológicas nas investigações sobre trabalho docente. *Educação e Sociedade*, 28(99), 466-482.
- Penteado, R.Z. (2007). Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre saúde vocal. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 12(1), 18-22.
- Reis, E.J.F.B., Araújo, T.M., Carvalho, F.M., Barbalho, L. & Silva, M.O. (2006). Docência e exaustão emocional. *Educação e Sociedade*, 27(94), 229-253.
- Rudow, B. (1999). Stress and *Burnout* in the teaching profession: european studies, issues, and research perspectives. In R. Vanderbergue & M.A. Huberman. *Understanding and preventing teacher Burnout: a source book of international practice and research* (pp. 38-58). Cambridge: Cambridge University Press.
- Simões, M.E & Latorre, M.R.D.O. (2006). Prevalência de alteração vocal em educadoras e sua relação com a autopercepção. *Revista de Saúde Pública*, 40(6), 1013-1018.

Recebido em: 06-09-2010. Aceito em: 05-11-2010.

**Autoras:**

Sandra Dias Simplicio – Programa de Psicologia Educacional, Centro Universitário FIEO.

Márcia Siqueira de Andrade – Programa de Psicologia Educacional, Centro Universitário FIEO.

**Enviar correspondência para:**

Márcia Siqueira de Andrade  
Centro Universitário FIEO – UNIFIEO  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Educacional  
Campus Vila Yara – Bloco Prata  
Av. Franz Voegelli, 300 – Vila Yara  
CEP 060190-20, Osasco, São Paulo, Brasil  
E-mail: mandrade@unifieo.br